



O SINAL DOS FILHOS DA VIÚVA

Entre o juramento e o socorro: uma investigação de campo sobre a fraternidade maçônica

S. de Melo Neto



EDITORA SIGNA
EDIÇÕES CRITERIOSAS
BRASÍLIA-DF • 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Minuta para validação bibliotecária)

Melo Neto, S. de

O sinal dos filhos da viúva : entre o juramento e o socorro: uma investigação de campo sobre a fraternidade maçônica / S. de Melo Neto. -- Brasília, DF : Editora Signa, 2026.

117 p. ; 23 cm. -- (Coleção Estudos da Arte Real)

Bibliografia.

ISBN 978-65-82043-15-4

1. Maçonaria - Pesquisa de campo 2. Fraternidade maçônica
3. Simbolismo maçônico 4. Solidariedade 5. Ética
I. Título.

CDU-061.236.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Organizações fraternais 061.236.6

EXPEDIENTE

©2026, Editora Signa - Todos os direitos reservados.

Esta obra nasceu de pesquisa de campo realizada pelo autor e de sucessivas versões de seus estudos sobre o sinal de socorro maçônico. Os episódios de campo foram reorganizados para dar unidade narrativa ao livro. Pessoas associadas a situações sensíveis ou negativas tiveram a identidade omitida ou substituída. Não se descrevem neste volume formas, palavras ou procedimentos reservados aos rituais.

As interpretações religiosas, espirituais e filosóficas expressam a visão do autor e não constituem doutrina oficial de qualquer Potência ou Obediência maçônica.

Dedicatória

Para minha esposa, Helena, e para nossas filhas, Iara
Cristina e Sarah Regina, e para meus netos Ravi Salomão e
Clarice Maria.

Pela compreensão das muitas horas no mundo e das poucas
horas no lar. Pelo amor, pelo carinho e pela paciência. Por
serem aquilo que todos desejam e poucos podem dizer que
têm: uma família, nosso porto seguro.

Agradecimentos

Agradeço, de forma especial, aos valorosos irmãos que se puseram nas estradas deste país de fronteiras continentais, sofrendo comigo toda espécie de intempérie: chuva, calor, sol, pneu furado, motor estragado, frio gelado e até queda de motocicleta.

Ao irmão e amigo Nolos Adur, pela contribuição, pela leitura atenta e pelo incentivo oferecido desde as primeiras versões deste trabalho.

A José Antônio, José Álvaro Landim, Oscar Brandão Muniz, José Antonio Soares de Melo e Juvenal Antunes Pereira, que ajudaram de maneiras diferentes, seja acompanhando a experiência, seja examinando ideias, palavras e conclusões.

Aos irmãos da Loja Estrela do Renascer, em Palmas, pelo acolhimento que transformou uma jornada cansativa numa celebração da fraternidade.

Registro também minha homenagem póstuma aos irmãos Brito e Delan, pai e filho, ligados a uma Loja do Rito de York, no Oriente de Taguatinga. Brito partiu após enfrentar um câncer; algum tempo depois, Delan foi levado pela Covid-19. De Delan recebi, numa manhã de necessidade, um socorro que estas páginas agora guardam como testemunho de fraternidade. A ambos, minha gratidão e minha saudade.

E a todos os homens e mulheres que, sem saber quem éramos, diminuíram a velocidade, perguntaram se precisávamos de ajuda ou acionaram o socorro público. Eles talvez jamais leiam estas páginas, mas fazem parte delas.

Sumário

Prefácio	9
Nota ao leitor	13
Uma palavra do autor	15
Abertura — À sombra de uma árvore	19
Parte I — A Pergunta	23
1. O que somos quando ninguém nos observa?	25
2. Histórias com “h”	29
3. A promessa da fraternidade	34
Parte II — O Sinal	39
4. Por que os maçons precisaram reconhecer-se	41
5. Os filhos da viúva	46
6. Quando o corpo pede socorro	51
Parte III — A Estrada	55
7. Decidimos pôr o sinal à prova	57
8. Chuva, asfalto e silêncio	62
9. Pelas estradas do Brasil Central	64
10. O homem que conhecia o sinal	68
11. O socorro que veio pela Polícia Rodoviária	70
12. Quando um irmão parou	72
Parte IV — O Espelho	77
13. As histórias que contamos sobre nós mesmos	79
14. O que 237 horas podem dizer	84
15. Entre a fraternidade e a credulidade	89

Parte V — A Resposta	93
16. Quem é o meu próximo?	95
17. Tornar-se o socorro	99
Epílogo — De volta à árvore	105
Apêndice A — Questionário revisado	107
Apêndice B — Caderno de campo reconstruído	109
Apêndice C — Protocolo ético de socorro	113
Notas metodológicas	115
Bibliografia	117

Prefácio

Conheci S. de Melo Neto em 1978. Tínhamos treze anos de idade e estudávamos na Escola Classe 21, em Ceilândia-DF. Desde então, nossa amizade resistiu ao tempo, às distâncias e às mudanças que a vida naturalmente impõe. Por isso, quando ele me pediu que escrevesse o prefácio deste livro, recebi o convite com alegria, mas também com responsabilidade. A amizade aproxima; não deve, contudo, substituir o juízo.

Não apresento estas páginas apenas porque conheço o autor há quase cinco décadas. Apresento-as porque *O Sinal dos Filhos da Viúva* merece ser lido, discutido e examinado com seriedade. A obra enfrenta uma questão maçônica concreta, mas alcança um problema humano mais amplo: o que resta de nossas promessas quando alguém, de fato, precisa de nós?

À primeira vista, a pergunta que move o livro parece simples: o sinal de socorro maçônico funciona? A formulação, porém, contém outras perguntas. Quem o reconhece? Em que circunstâncias? O reconhecimento conduz necessariamente à ação? O dever aprendido no Templo acompanha o maçom quando ele retorna à rua? Entre ver, compreender e agir existe um espaço moral. É nesse espaço que ele realiza sua investigação.

Este não é um manual de formas, palavras ou procedimentos reservados. O autor foi cuidadoso ao não expor aquilo que pertence ao contexto iniciático. Seu interesse está em outra direção. Ele não descreve a anatomia do sinal; procura compreender a resposta de quem o percebe. Essa escolha protege a tradição e, ao mesmo tempo, permite que o tema seja tratado com honestidade.

Um dos maiores méritos do trabalho está na decisão de retirar a pergunta do terreno confortável das narrativas e levá-la à estrada. Durante 237 horas de observação, em diferentes lugares e circunstâncias, o autor e seus

companheiros submeteram uma crença muito repetida ao encontro com a realidade. Houve rodovias, praças, aeroportos, hospitais, chuva, calor, silêncio, dúvidas e deslocamentos extensos. O que poderia ter permanecido como história de Loja transformou-se em experiência de campo.

O autor não atribui à pesquisa uma precisão que ela não possui. Reconhece as limitações do método, a inexistência de uma taxa estatística segura, a dificuldade de saber quem passou, quem reconheceu e por que decidiu não parar. Essa franqueza fortalece o livro. Uma investigação séria não se mede pela aparência de certeza, mas pela clareza com que distingue aquilo que observou, aquilo que ouviu e aquilo que apenas pode interpretar.

A relevância maçônica da obra encontra-se precisamente nessa recusa de transformar esperança em prova. A fraternidade não se confirma porque a repetimos em discursos, porque a inscrevemos em documentos ou porque a celebramos em cerimônias. Ela se confirma quando assume forma na conduta. O juramento pode orientar o homem; somente o homem pode convertê-lo em ação.

A Maçonaria trabalha com símbolos porque o símbolo pode fazer o pensamento ultrapassar a superfície das coisas. Mas nenhum símbolo realiza sozinho a transformação que representa. O sinal exterior pode ser corretamente executado e ainda assim encontrar uma consciência distraída, temerosa ou indiferente. Também pode não ser executado e, mesmo assim, encontrar alguém disposto a socorrer. Essa tensão percorre todo o livro.

É nesse ponto que sua dimensão esotérica se torna mais forte. O verdadeiro trabalho iniciático não consiste apenas em reconhecer uma linguagem reservada. Consiste em formar no homem uma disposição interior capaz de reconhecer a necessidade antes mesmo de qualquer fórmula. Se a iniciação não alcança a conduta, permanece incompleta. O sinal mais difícil talvez seja aquele que não é feito com as mãos, mas percebido pela consciência.

A história de Delan confere a essa conclusão uma densidade especial. Na ocasião em que nasceu a pergunta central, ele não executou o sinal. Telefonou a um amigo. Delan, mecânico e maçom, foi ao seu encontro. Não decifrou um gesto: escutou uma necessidade e respondeu. Sua morte deu ao episódio um sentido ainda mais profundo. O homem partiu, mas sua ação permaneceu.

O livro, por isso, é também um testemunho. Guarda a lembrança dos que percorreram estradas, suportaram dificuldades e ajudaram sem promessa de reconhecimento. Guarda ainda a memória dos desconhecidos que diminuíram a velocidade, perguntaram se havia necessidade de auxílio ou chamaram o socorro público. A fraternidade aparece, nessas páginas, menos como privilégio de um grupo e mais como responsabilidade humana.

Conhecendo-o desde a adolescência, reconheço nesta obra características que o acompanham há muito tempo: a curiosidade, a disposição de perguntar e a insistência em não aceitar uma resposta apenas porque ela é repetida. Seu texto não procura impressionar por erudição artificial. Ele narra, duvida, observa e convida o leitor a concluir com ele. Essa simplicidade não reduz a profundidade do tema. Ao contrário, torna a pergunta mais difícil de evitar.

O Sinal dos Filhos da Viúva deve interessar aos maçons porque os coloca diante do sentido prático da fraternidade. Deve interessar também aos não iniciados porque trata de solidariedade, prudência, medo, responsabilidade e cuidado. A pesquisa nasceu de um sinal particular, mas sua conclusão não pertence exclusivamente à Maçonaria. Toda pessoa, em algum momento, estará de um dos lados do pedido de ajuda.

Seria um equívoco ler o livro como acusação contra a Ordem. Seria igualmente equivocado utilizá-lo como peça de exaltação. O autor não procura apresentar os maçons como superiores aos demais, nem como indiferentes ao pedido de ajuda. Mostra que instituições são feitas por homens reais e que nenhuma iniciação elimina, por si só, o medo, a hesitação ou a falha. O valor da formação maçônica está justamente em oferecer instrumentos para que o homem reconheça essas limitações e trabalhe sobre elas.

Desejo que este livro seja lido nas Lojas, mas não apenas elogiado. Que provoque instruções, debates e decisões concretas sobre como agir diante de uma emergência. Que cada leitor se pergunte não somente se será socorrido, mas se está preparado para socorrer com humanidade, prudência e responsabilidade. A obra terá cumprido sua finalidade se a pergunta continuar viva depois da última página.

Prefaciando o livro de um amigo que conheci aos treze anos é uma honra particular. Apresentar uma obra que transforma amizade, experiência

e investigação em exame de consciência é uma responsabilidade maior. Entrego estas páginas ao leitor com a convicção de que o sinal estudado pelo autor aponta, em última análise, para uma verdade simples: a fraternidade começa quando alguém decide não seguir indiferente.

Nolos Adur

Nota ao leitor

Este não é um manual de sinais. Também não é um julgamento contra a Maçonaria.

É uma pergunta transformada em estrada.

O sinal de socorro do Mestre Maçom pertence a um contexto iniciático. Um livro que pretendesse ensinar sua execução a qualquer pessoa destruiria a própria lógica do reconhecimento e poderia expor homens de boa-fé à fraude. Por isso, o leitor não iniciado encontrará aqui sua história, seu significado e seus efeitos, mas não uma descrição operacional do gesto nem de palavras reservadas.

O que está em exame não é a anatomia do sinal. É o coração que o recebe.

Uma palavra do autor

Escrever e falar são artes, assim como a música e a pintura. Reconheço: não possuo nenhuma delas em grande medida. Mas faço uma coisa que me alegra muito, que é ler; e, quando leio, tenho a impressão de que poderia escrever.

Leio contos belíssimos que me dão vontade de chorar. Leio histórias que me fazem sorrir. Às vezes até pensam que estou maluco, pois vira e mexe me pegam às gargalhadas, sozinho, com um livro nas mãos. Há textos que me fazem refletir. Refletir sobre nossa existência e sobre o que há de bom e de ruim em nós, seres humanos.

Há muito tempo, assistindo a uma palestra de nosso saudoso irmão João Guimarães, ouvi como estamos soltos no Universo, como nossa casa, a Via Láctea, viaja, a que velocidade se move o Sol, nosso astro-rei, e principalmente a que velocidade gira nossa Terrinha, que mais parece um grão de areia no imenso Cosmo. Fiquei tentando imaginar o que representariam aquelas velocidades. Dentro de minha realidade eu sei comparar algumas coisas: quando saio de Brasília para Palmas, tenho a impressão de que demoro mais no aeroporto do que no avião. Também já fui de Brasília a Niquelândia de helicóptero. Foi mais demorado do que de avião, mas mais rápido do que de carro.

Então voltei às páginas dos livros e descobri uma velocidade ainda maior: a do pensamento quando estamos lendo. Quando leio, viajo o mundo inteiro em questão de segundos. Vou do Oriente ao Ocidente. Posso visitar uma oficina de pedreiros escoceses, uma praça de Atenas, uma estrada do Tocantins e o interior de meu próprio peito sem pagar pedágio. Mas, quando encontro algo bom, fico inerte, quietinho, curtindo a beleza do que estou lendo.

Descobri ao longo dos anos que o livro é um veículo que nos transporta aonde pensamos em ir. Resolvi, então, ser o piloto e o motorista desta viagem. Desejo levar o leitor a um lugar muito falado e pouco visitado: a distância entre aquilo que prometemos e aquilo que fazemos.

Perguntar será nosso lema. Talvez responder não seja nosso forte. As respostas ficam para os mais sábios ou para os mais ousados. Mas há perguntas que não aceitam dormir no fundo de uma gaveta. Uma delas me acompanhou por meses:

O sinal de socorro maçônico funciona?

Quando comecei, eu estava verdadeiramente precisando de ajuda. Lembrei que poderia utilizar um sinal capaz de dizer a algumas pessoas que eu pertencia a um grupo com fama de ajudar seus membros. Pensei que talvez o auxílio viesse com mais facilidade. Não executei o sinal naquele dia, mas a pergunta ficou.

Procurei livros e outras referências. Encontrei descrições históricas, interpretações ritualísticas e relatos sobre o sinal de socorro, mas não localizei estudos que verificassem, por observação sistemática, se ele ainda era reconhecido e atendido na prática. Conversei com irmãos. Ouvi histórias. Encontrei muito entusiasmo e pouca observação. Foi quando decidi ir para a rua.

A literatura maçônica descreve o sinal e lhe atribui uma obrigação antiga de auxílio. O que eu não encontrei foram estudos que observassem o que acontece quando esse compromisso é colocado diante de uma situação concreta.¹

¹No Brasil há, por exemplo, uma referência bastante direta: José Castellani, em Consultório Maçônico II (A Trolha, 1989), possui um texto especificamente intitulado “Sinal de Socorro”. Um levantamento bibliográfico de literatura maçônica também relaciona obras de Jules Boucher, Francisco de Assis Carvalho e outros autores tratando dos sinais maçônicos. “Na literatura internacional há muito mais material. A Encyclopedia of Freemasonry de Albert G. Mackey possui verbete específico, “Sign of Distress”, discutindo sua origem histórica, sua ligação com o terceiro grau e sua finalidade de chamar um irmão em auxílio. O Duncan's Masonic Ritual and Monitor, obra do século XIX, também descreve o “Grand Hailing Sign of Distress” e sua finalidade ritual. Phoenix Masonry + 1. Sítio de Textos Sagrados. Há referências ainda mais antigas. Textos do movimento antimaçônico norte-americano dos anos 1820–1830 já reproduziam e discutiam a obrigação relacionada ao sinal; uma edição de 1830 disponível no Google Books contém explicitamente a obrigação de socorrer alguém que manifeste o sinal em situação de perigo. Portanto, a existência histórica do sinal e a obrigação moral associada a ele estão bastante documentadas.” “Uma história preservada por uma Loja de Connecticut relata um maçom ferido na Guerra Civil americana que teria feito o sinal e sido socorrido por outro maçom. Um jornal de 1891 também menciona um ex-governador cuja manifestação do

O que começou como curiosidade terminou falando de fraternidade, compaixão, solidariedade, caridade e amor. O objeto da pesquisa era maçônico; a ferida que ele tocou era humana.

Algumas pessoas que atravessaram esta história já não estão entre nós. Ao escrever estas páginas, compreendi que investigar a fraternidade também é preservar a memória daqueles que a praticaram em silêncio.

Por isso, desejo a todos uma boa leitura e uma boa viagem.

sinal teria resultado em ajuda depois de ter seus pertences furtados. Existem ainda relatos contemporâneos em fóruns de maçons — acidentes de carro, pessoas perdidas ou necessitando de auxílio — mas são depoimentos pessoais, não evidência experimental." Jornais Históricos da Geórgia - Reddit +1.